

Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental  
Santa Maria, v. 19, n. 3, set-dez. 2015, p. 646-658  
Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM  
ISSN : 22361170



## ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E AMBIENTAIS DOS MORADORES DA COMUNIDADE SOUZA LIMA, EM VÁRZEA GRANDE - MT

SOCIOCULTURAL AND ENVIRONMENTAL ASPECTS OF THE COMMUNITY SOUZA LIMA, IN  
VÁRZEA GRANDE - MT

Marionil Fátima Simão Pinheiro<sup>1</sup>, Carla Maria Abido Valentini<sup>2</sup> e Rozilaine  
Aparecida Pelegrine Gomes Faria<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduação em Tecnologia Ambiental, Departamento Química e Ciências Ambientais, Instituto Federal de Mato Grosso campus  
Cuiabá-Bela Vista, Cuiabá, MT, Brasil

<sup>2</sup>Doutora em Agricultura Tropical, Departamento de Química e Ciências Ambientais, Instituto Federal de Mato Grosso campus Cuiabá-  
Bela Vista, Cuiabá, MT, Brasil

<sup>3</sup>Doutora em Agricultura Tropical, Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão, Instituto Federal de Mato Grosso campus Cuiabá-  
Bela Vista, Cuiabá, MT, Brasil

### Resumo

O objetivo deste trabalho foi a realização dos registros sócio-culturais e ambientais da comunidade de Souza Lima, em Várzea Grande-MT. A pesquisa ocorreu entre julho e setembro de 2014, com doze moradores antigos da comunidade e utilizou-se o método de entrevistas semi-estruturadas com questões abertas e fechadas e turnê guiada para registro das espécies utilizadas em suas unidades de paisagem. Os entrevistados revelaram a importância da localidade e do espaço de sua residência como significado de sua própria identidade, abordaram questões relativas ao saneamento, festas de santos, usos de suas unidades de paisagem, especialmente os quintais e plantas nele cultivadas. A família mais citada (13,85%) foi a Asteraceae e a categoria de uso mais relatada (76,19%) corresponde às plantas medicinais. A forma de preparo mais utilizada é o chá (46,55%) e o uso predominante das espécies medicinais é para as doenças do aparelho digestório. Concluiu-se que a ainda existem na comunidade parentes dos primeiros moradores que residiam na região e que poucos são os que conseguem manter suas unidades de paisagem devido à idade avançada e sobreviver de suas atividades culturais mais marcantes: fabricação de doces e feitura de redes.

**Palavras-chave:** Comunidade tradicional. Etnobotânica. Quintais. Espécies Medicinais.

### Abstract

The aim of this study was recording the lifestyle and the ethnic knowledge acquired over time of the traditional community Souza Lima, in Várzea Grande - MT. The study was conducted from July to September, 2014, with twelve former residents of the community. It was used the method of semi-structured interviews with open and closed questions and guided tours to record the species used in their landscape units. Respondents revealed the importance of the location and their home for their own identity and also addressed issues related to sanitation, medical care, saints' parties and the uses of their landscape units, especially gardens and plants grown in them. The most cited family (13.85%) was the Asteraceae and the most reported use category (76.19%) corresponds to medicinal plants. The most used way of preparation is tea (46.55%) and the predominant use of medicinal species is for diseases of the digestive system. It was concluded that there are still in the community relatives of the first residents who have lived in the area and that there are few who manage to keep their landscape units due to old age and to survive of its most striking cultural activities: candy and hammock manufacture.

**Keywords:** Traditional community. Ethnobotany. Yards. Medicinal Plants..

---

## 1 Introdução

A relação homem-natureza é muito complexa e, ao longo dos tempos, alternou-se entre dominar e proteger a natureza. Além disso, há visões diferenciadas sobre tal relação, em conformidade com as diferentes culturas (AMOROZO, 2007).

A sociedade humana teve ao longo da história uma estreita e dependente relação com o seu habitat e vem assim acumulando um grande leque de informações sobre o meio ambiente (AMOROZO, 1996). O saber local contido em diversas comunidades, sejam elas tradicionais (indígenas, quilombolas, ribeirinhas) ou não (urbanas) é repassado entre as gerações colaborando para a riqueza biológica, econômica e cultural nos diferentes biomas de Mato Grosso (DAVID et al, 2014).

No panorama brasileiro, o governo em 2007 instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e no artigo 3º, inciso I, (BRASIL, 2007), “definiu povos e comunidades tradicionais como grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para a reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição”.

Este reconhecimento cultural formalizado em Lei ratifica a importância das instituições de gestão olharem com mais atenção para as comunidades tradicionais e incluírem em suas alternativas de conservação da biodiversidade o conhecimento das mesmas. Entre essas alternativas de melhoria em relação ao conhecimento pode-se estabelecer o estudo etnobotânico das espécies com maiores frequências de uso pela população, a relação histórica do morador com sua propriedade e suas unidades de paisagem, a percepção homem-natureza-cultura e a própria gestão ambiental para a conservação do meio ambiente.

A forma de registro mais usada, por meio do relato oral dos moradores, que centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido (MATOS e SENNA, 2011), sempre foi a maior fonte de dados e transmissão de conhecimentos de uma geração para outra. Importante também observar os ensinamentos e tradições que foram preservados e transmitidos por meio de rituais, danças, músicas, orações, conversas, e acabaram sendo encobertos por culturas ditas principais (MARQUETTI e SILVA, 2008).

Assim, sob esta perspectiva, o presente trabalho fundamenta-se em uma abordagem multidisciplinar, tendo como objetivo a realização dos registros sócio-culturais e ambientais da comunidade de Souza Lima, em Várzea Grande-MT, em especial sua identidade com suas unidades de paisagem.

## 2 Material e Métodos

### 2.1 Caracterizações da área de estudo

O município de Várzea Grande se encontra localizado na região centro-sul do estado de Mato Grosso, ocupando uma área de 949,53 Km<sup>2</sup> à margem direita do rio Cuiabá. Sua geografia não apresenta elevações, tais como morros e colinas. A altitude é de 190 metros acima do nível do mar, latitude 15º 64' 66" S e longitude 56º 13' 25" W (VERTRAG, 2007).

O clima predominante é o Aw, isto é, Tropical Semi-Úmido de acordo com a classificação de KOPPEN, úmido com 4 a 5 meses secos e duas estações bem definidas: uma seca (outono-inverno) e outra chuvosa (primavera-verão) (SOUZA E MAITELLI, 2005). A “vegetação do município de Várzea Grande é povoada por arvoretas popularmente conhecidas como campos cerrados”, compostos por um tapete gramíneo lenhoso contínuo, geralmente raquítico, e palmeiras anãs (SILVA, 2010).

Tem por limites os municípios de Cuiabá, Santo Antônio do Leverger, Nossa Senhora do Livramento, Jangada e Acorizal e em divisão territorial datada de 1979, é constituído por 5 distritos: Várzea Grande, Capão Grande, Bom Sucesso, Passagem da Conceição e Porto Velho (SILVA, 2010). O distrito de Bonsucesso é constituído pela comunidade sede, Souza Lima, Capela do Piçarrão, Praia Grande e Pai André, sendo que o objeto de estudo é a comunidade de Souza Lima.

A comunidade de Souza Lima (Figura 1) está instalada a aproximadamente dois quilômetros das margens do Rio Cuiabá, no município de Várzea Grande, na zona rural, a 30 quilômetros distantes da capital.



Figura 1 – Município de Várzea Grande-MT e seus municípios limítrofes (a); (b) localização da comunidade de Souza Lima no distrito de Bonsucesso Fonte: CityBrazil, 2014 (a) Fonte: Google Earth, 2014 modificado (b).

## 2.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados na comunidade Souza Lima, em Várzea Grande-MT, adotando-se a técnica de entrevista semi-estruturada (ALBUQUERQUE et al., 2008), com 25 questões fechadas e 69 abertas. A primeira parte da entrevista era introdutória, referente aos dados socioeconômicos do entrevistado, e a outra parte com questões relacionadas à sua cultura e ao uso das unidades de paisagem com enfoque para o uso das plantas. Foram realizadas 12 entrevistas ao todo no período de julho a setembro de 2014, assim como o registro fotográfico em cada residência visitada. Quando consentidas, algumas das entrevistas também foram gravadas. Cada participante assinou o termo de consentimento livre e esclarecido para que suas informações pudessem ser utilizadas.

As entrevistas foram respondidas oralmente pelos entrevistados. O primeiro deles foi escolhido ao acaso, e depois intencionalmente pela técnica “bola de neve” (BALDIN e MUNHOZ, 2011). Optou-se por entrevistar pessoas adultas, com mais de 50 anos, e preferencialmente mais idosas, que são as que têm um maior conhecimento da história do local.

Também foi aplicada uma turnê guiada, técnica elaborada por Albuquerque e Lucena (2004), na qual o mantenedor foi convidado a fazer uma caminhada pelo quintal durante a entrevista, fornecendo informações específicas sobre as plantas presentes para avaliar o nome das espécies citadas.

Para a identificação das espécies, foram utilizados os seguintes parâmetros: observação das características morfológicas das plantas, nome comum citado pelos entrevistados, e comparação entre as fotografias obtidas *in locu* e as registradas com material bibliográfico. A comparação de nomenclatura científica foi conferida em consulta ao site Missouri Botanical Garden Saint Louis<sup>1</sup> (MOBOT), Kew Garden Herbarium Catalogue<sup>2</sup> e, quando não descritas em site específico, a nomenclatura foi baseada por consulta em literatura científica conforme descrito em Macedo et al. (2011). As referências consultadas (VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006; PASA et al., 2011; MOREIRA et al., 2013; SOUZA e PASA, 2013; MAMEDE e PASA, 2014) possibilitaram verificar a identidade das espécies citadas pelos entrevistados pois entre os indivíduos presentes nos quintais algumas se

<sup>1</sup> Mas informações sobre as espécies citadas podem ser encontradas no site <http://www.tropicos.org>

<sup>2</sup> Mas informações sobre as espécies citadas podem ser encontradas no site <http://apps.kew.org/herbcat/navigator.do>

encontravam em fase vegetativa dificultando a obtenção de exsicata e/ou material para identificação por especialistas do Herbário.

### 3 Resultados e Discussão

Na comunidade de Souza Lima, as residências em sua maioria são casas feitas de tijolos e telhado de telhas cimento-amianto. Algumas passaram por reformas e outras mantêm o mesmo estilo descrito por Silva (2010): “São casas de construção simples, muitas vezes feitas em mutirão. As mais modernas de alvenaria e as mais antigas de ‘adobe’ e ‘pau a pique’. Em geral pintadas com cores fortes, em rosa, azul, verde que o sol esmaece”.

Algumas casas mantêm sua divisão interna original, que tem como uma característica marcante a ausência de sala de visita e os quartos enfileirados, não existindo corredor. Atualmente, com o crescimento e a vinda da televisão, ocorreram algumas mudanças. Por exemplo, as cadeiras de fio que eram usadas em frente às casas passaram para dentro, criando assim a sala de visitas no primeiro quarto, onde se instalam as redes de dormir (SILVA, 2010). A cozinha fica ao fundo, articulada com uma área de serviço, geralmente aberta ou bem espaçosa.

Entre os entrevistados, 50% são do sexo feminino e 50% do sexo masculino. Quanto à idade, 41,67% das pessoas tinham mais de 70 anos e 83,33% nasceram e cresceram na comunidade. Aqueles que não nasceram na comunidade, todavia, residem na comunidade há mais de 50 anos. Tem-se como exemplo o relato do senhor Francisco, conhecido como Gicada, de 79 anos, que nasceu em Livramento, mas está em Souza Lima há 55 anos.

Deus me colocou aqui, aqui fiz família, formei cada pedacinho da terra, plantei cada árvore, fiquei viúvo aqui, é aqui que devo ficar (Sr. Gicada, 79 anos).

Em relação à escolaridade, entre os entrevistados 41,67% possuem o ensino fundamental I, 33,34% ensino fundamental II, 8,34% ensino médio, ensino superior e não escolarizados (Figura 2).

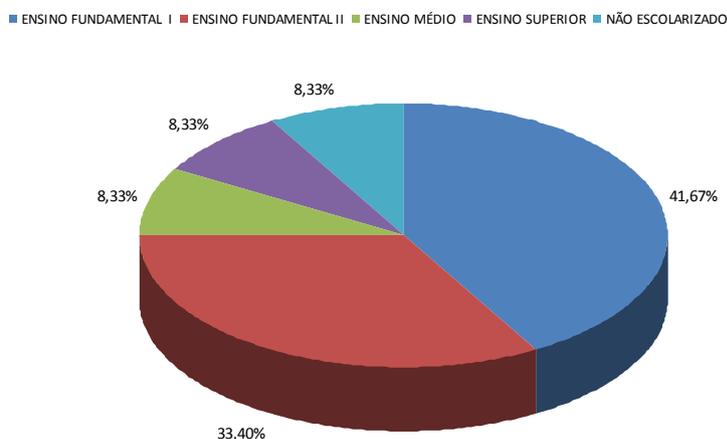


Figura 2 - Nível de escolaridade (%) dos entrevistados na comunidade de Souza Lima – Várzea Grande – MT

Todos os entrevistados possuem casa própria, casas herdadas de seus pais ou construídas por eles mesmos.

Ao serem questionados sobre o abastecimento da água em suas residências foram relatadas muitas queixas. A senhora Matilde (100 anos de idade), moradora do local, relatou que pagava a conta e nunca vinha água até sua residência:

Fia só tenho água na caixa quando alguém doa (dona Matilde, 100 anos)

Do mesmo modo, outros moradores reclamaram ao serem questionados sobre o abastecimento:

A água nunca chegou aqui, não sofro porque tenho poço artesiano (Sr. Alirio, 79 anos).

Aqui vem água quando tudo está em boas condições, mas não está vindo por problemas, o reservatório do DAE está furado (Sr. Davino, 85 anos).

O problema de falta de água na comunidade de Souza Lima é antigo. Conforme Silva (2010), a falta de abastecimento ocorre em função da distância do rio Cuiabá, cerca de dois quilômetros, o que costumava se transformar em um tormento durante o período da seca. A promessa de melhorias por parte dos políticos sempre existiu, mas nunca foi cumprida porque, lembrando Tucci (2008), o planejamento urbano é realizado para a cidade formal, e para a cidade informal são analisadas tendências dessa ocupação.

De acordo com relatos de alguns moradores, a situação foi amenizada em 1974, quando foi construído o poço artesiano, mas a água encanada só chegou em 1982.

Entre as casas visitadas, 53% possuem apenas ligação à rede de abastecimento de água, 25% além do abastecimento público ainda tem poço para quando ocorre problemas na distribuição, e 27% possuem apenas poço, por não serem abastecidos pelo serviço público do DAE (Departamento de Água e Esgoto do município) (Figura 3).

Na comunidade não existe coleta pública de esgoto, apenas sistemas individuais de tratamento como a fossa seca e a séptica. Também não foi observado nenhuma distância padrão entre os poços e as fossas. Importante lembrar que diversos fatores podem comprometer a qualidade da água subterrânea, especialmente se o poço não estiver a uma distância mínima de 15 metros a qualquer tipo de fossa e de 45 metros dos demais focos de contaminação, com, chiqueiros, estábulos, valões de esgotos, galeria de infiltração e outros, que possam comprometer o lençol d'água que alimenta o poço (BRASIL, 2014).

Também não há coleta seletiva do lixo, bem como na cidade como um todo. A coleta pública é realizada pela prefeitura de Várzea Grande duas vezes por semana. Vale ressaltar que o município ainda não atende à Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/10), sendo usado um lixão para o depósito dos seus resíduos. Este mesmo lixão recebe os resíduos do município vizinho, Nossa Senhora do Livramento – MT.



Figura 3 - Percentual (%) das residências ligadas à rede de água e/ou com poço dos moradores entrevistados da comunidade de Souza Lima – Várzea Grande - MT

A comunidade de Souza Lima possui duas escolas, uma municipal e outra estadual. A escola municipal foi criada em junho de 1976, com o nome de Escola Municipal de Educação Básica “Vereador Estevão da Cunha”, por meio do decreto 164/1976, e foi a primeira escola com sede própria. Atualmente a comunidade possui um posto de saúde, criado 20 anos após a criação da escola, mas

teve seus primeiros atendimentos somente em maio de 2006, o que para a população da comunidade era um grande transtorno, pois tinham que se deslocar para Várzea Grande ou Cuiabá em busca de serviços médicos (SILVA, 2010). Mas hoje, mesmo com a criação do posto de saúde, os moradores relatam que têm muitas dificuldades, já o funcionamento não ocorre regularmente e dificilmente tem médicos.

Meu irmão cedeu para a prefeitura na época da Sarita Baracat o terreno que foi construído o posto, daí quando os Campos estavam no poder quiseram fechar, mais nós da comunidade batemos o pé e conseguimos manter aberto (Sr. Davino, 85 anos).

Sabe, no mandato de Murilo Domingos, ele fez uma reforminha, agora o novo prefeito fez uma reforma grande, mas continua sem médico (Sr. Davino, 85 anos).

Hoje há transporte público para a comunidade, mas antigamente, de acordo com os moradores, saiam do local a pé, a cavalo ou de carroças.

Eu e meu pai saíamos daqui meia noite de carroça para chegar no Porto às quatro horas da manhã para vender rapadura, goiaba, limão, pequi, ovos caipira, galinha, pato (Sr. Oscarino – “Sinhoca”, 67 anos).

O lazer da comunidade são os jogos de futebol, já que existe um pequeno estádio na localidade. Havia uma represa onde hoje é o estádio, e era nessa represa que a população local lavava roupa, tomava banho, banhava os cavalos e, de acordo com os relatos, houve muitos que foram contra a desativação da represa para a construção do mini estádio.

As principais festas religiosas são a de Santa Cruz e de São Benedito. A festa de Santa Cruz, segundo os moradores, já foi de grande importância para a comunidade, hoje já não é tão festejada.

Deixou de fazer festa grande pra Santa Cruz porque os antigos festeiros foram morrendo, e os mais novos faziam a festa e acabava em brigas o baile (dona Enedina, 77 anos).

As festas de Santa Cruz eram lindas, hoje não se faz mais como antigamente (Sr. Oscarino, 67 anos).

Outras festas também são comemoradas na comunidade, como Santa Luiza e São Benedito. Estas festas são realizadas por alguns moradores que são devotos dos santos. A senhora Irza relatou que sua família tinha como tradição fazer uma grande festa para Santa Luiza, com missa, chá com bolo, jantar e baile, e atualmente ela mantém a tradição com a missa, reza e salgados para quem comparece. Já a senhora Levina todo ano faz a festa para o seu santo de devoção, São Benedito.

“Faço a festa de São Benedito todo ano antes do meu aniversário, que é dia 22 de julho. Faço reza, sirvo almoço, engordo o porco para fazer a linguiça do almoço, mas não sirvo cerveja. Olha moça, o que é do santo ninguém pode tocar” (dona Levina, 63 anos).

Em relação ao histórico do nome da comunidade, contam os antigos moradores que o primeiro nome do local foi “Águas Claras”.

Aqui a água era de primeira, muito boa, por isso chamava-se Águas Claras (Sr. Mario Lucio, 50 anos)

Conforme o morador Sr. Mario Lucio, depois a comunidade passou a se chamar “Sovaco” por causa dos bois, das curvas que faziam para chegar até ela; porém, o nome não agradava aos moradores.

Contam os mais antigos que aqui era pastagem de bois das fazendas de Bonsucesso na época das enchentes. Aqui existiam muitos pastos, e as pessoas de Bonsucesso traziam os bois, que vinham trazidos por pessoas de lá, construíam casas, que eram ocupadas somente na época das águas. Com isso a comunidade foi recebendo pessoas (Sr. Mauro Lúcio, 50 anos).

Em conformidade com o relato dos entrevistados, foi o senhor Estevão Ferreira da Cunha, também conhecido como Majorzinho do Sovaco, que propôs trocar o nome da comunidade. Após muitas discussões, foi então escolhido o nome do médico cuiabano Agostinho Souza Lima, apresentado em forma de Projeto, que deu origem na Lei 178 de 30 de Outubro de 1948. Assim, a comunidade passou a se chamar Souza Lima (PIRES, 2014).

Entre os entrevistados, todos têm o quintal localizado atrás das residências. Ademais, 16,67% e 25% também plantam na frente e na lateral respectivamente, aprendizado adquirido com os pais e avós. Sobre a importância do quintal para a família, todos os entrevistados responderam que tem um importante valor sentimental, além de um lugar para receber amigos, festas e complemento de renda (41,67%).

Entre os informantes, 41,67% cuidam eles mesmos do quintal e 58,33% pagam ou alguém mais novo da família faz a limpeza. As pessoas que pagam para fazerem a limpeza do quintal tomam essa medida devido à idade ou a condições de saúde. Ainda, os filhos em casa que não se interessam por esse aprendizado, como relatados por alguns moradores:

Já plantei muito, e cuidava eu mesmo do quintal, agora pago para alguém fazer, minhas pernas já não ajudam mais (Sr. Alirio, 79 anos).

Eu ainda limpo o quintal, mas não planto mais, a idade já não permite minha coluna não deixa (Sr. Mauricio, 72 anos).

Do plantio que é feito nos quintais, 58,33% relataram ser para o consumo e/ou venda. Foram encontradas várias etnocategorias de uso para as plantas nos quintais. Na Tabela 1 são apresentadas as espécies encontradas e seus respectivos usos pelos moradores. Vale ressaltar que o quintal é a principal unidade de paisagem que a comunidade faz uso, e mesmo assim nem todos o utilizam para produção de alimentos que sustentem a família. Um exemplo de unidade de paisagem que não é mais tão presente são as roças. Durante as visitas, foram observadas apenas quatro delas, nas quais eram plantadas mandioca, cana e bananeira.

A família mais citada (13,85%) foi a Asteraceae, seguida da Lamiaceae (10,77%) e Fabaceae (9,23%). Das espécies as quais se referiram a algum uso, a categoria mais citada (76,19%) corresponde às medicinais. A forma de preparo mais utilizada é o chá (46,55%) e o uso predominante das espécies medicinais é para as doenças do aparelho digestório (Tabela 1). A procura destes recursos vegetais é provavelmente parte da sua cultura local e pela dificuldade ao acesso médico, e ainda o fator econômico (BARROS et al., 2006). Esse conhecimento é transmitido, essencialmente, de forma oral e gestual pelas famílias, através das sucessivas gerações (LAPLANTINE e RABEYRON, 1989).

Apenas uma espécie, a arruda (*Ruta graveolens* L.), foi citada na categoria de uso místico. Para Amorozo e Gely (1988), a utilização das plantas de proteção pessoal e de uso tópico para fins curativos e mágicos se refere a um legado indígena associado à influência européia. Foi também observado muitas plantas ornamentais em vasos, mas os entrevistados não relataram nada a respeito delas.

Entre os informantes, 58,33% consideram não ter plantas nativas em seus quintais, todos relataram ter plantas frutíferas e 33,33% afirmaram ter roças. A manga foi a mais citada (27,5%), seguida do caju (25%) e da laranja azeda (20%). A família mais citada das frutíferas foi a Rubiaceae (22,5%), seguida da Anarcadiaceae (10%) (Tabela 1).

Entre os entrevistados, 75% relataram que a pior época para se cuidar do quintal é no período das chuvas, que compreende os meses de outubro a março. Os que citaram a forma de plantar disseram utilizar sementes e mudas. Sobre os restos de folhas da capina do quintal, 75% aproveitam para fazer adubo e 25% queimam.

Em relação à criação de animais, 50% criam animais (porco, galinha, vaca) para consumo, enquanto 25% criam para venda ou 25% não criam esses animais. Todos os entrevistados afirmaram criar animais de estimação, como cachorros e gatos. Na Figura 4 são apresentados alguns registros fotográficos realizados durante as turnês guiadas e observações de elementos das presentes nas unidades de paisagens.



Figura 5 - Registros de observações de elementos citados nas entrevistas: A- poço e abastecimento de público de água (caixa d'água) na residência; B- criação de animais; C- Tijolos que improvisam um fogão à lenha para feitiço de doces; D- turnê guiada com uma entrevistada no quintal

Para complementação da renda, as mulheres da comunidade de Souza Lima no passado eram conhecidas por tecerem redes com desenhos coloridos e de valor cultural muito significativo pra comunidade. Redes simples ou lavradas podiam ser encontradas com os mais variados desenhos, multicoloridas, representando flores, aves ou mesmo animais, tal como observado por Cunha (2011). Relataram que atravessavam o Rio Cuiabá de canoa e iam vender as redes para os comércios dos “turcos” no antigo bairro do Porto em Cuiabá. Depois forneceram para a Casa do Artesão (ponto comercial de artigos regionais na capital). Com o tempo, a chegada de redes do nordeste e fabricadas industrialmente foram tirando as suas oportunidades de vendas.

Nós fazíamos muitas redes, agora não fazemos mais. Eu fazia rede e entregava na casa do artesão Antigamente todo mundo fazia redes, agora acabou as fabricações de redes (Sra. Enedina, 77 anos).

Apesar de não fazerem mais as redes, algumas moradoras fazem doces com as frutas cultivadas em seus quintais. A senhora Levina é viúva e tira o seu sustento dos doces, xarope e garrafadas (um tipo de remédio caseiro, vendido em garrafas) que faz.

Eu faço doce de caju, de laranja, xarope, garrafadas, e vendo tudo (Sra. Levina, 63 anos).

Outra doceira da comunidade é dona Irza, sendo que o doce de laranja é o mais procurado. Além dos doces, dona Irza também faz biscoito de polvilho de mandioca e extrai a polpa de tamarindo.

Eu ainda faço doce. Curto a laranja aqui no tanque mesmo, agora não tem mais o córrego que passava aqui nos fundos, curto por 5 dias. Mas primeiro eu ralo dou uma fervida, dai coloco para curtir, depois raspo, lavo e aí sim levo para apurar (Sra. Irza, 65 anos).

Na fala dos moradores percebeu-se que há um sentimento sobre a represa, córregos, e até olhos d'água do Rio Cuiabá que foram extintos. Os canais dos rios evoluem em resposta ao clima, à geologia e às intempéries, e sua forma e manutenção dependem de forças relacionadas ao fluxo da água. Embora os pequenos riachos sejam similares na aparência, podem ser muito distintos, em função de sua história, geologia e geografia. Assim, os impactos decorrentes de ações humanas, como aporte de

sedimentos, erosão e desmatamento têm papel relevante sobre esses cursos d'água, toda sua fauna (SÁ et al., 2003) e matas ciliares e ripárias. É bem possível que por esse motivo as “matas” não foram citadas pelos moradores nas unidades de paisagem.

Foi observado também que para alguns, o quintal não é mais visto como um espaço de produção de mudas, frutas, hortaliças, ervas medicinais, mas um local de referência de acontecimentos passados em suas vidas. Conforme Diegues (2000)

as culturas tradicionais desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos.

Bachelard (2008) coloca o espaço como centro ou ponto de referência no ato de lembrar. As lembranças, assim, não são “temporalizadas”, mas “espacializadas”. Para ele

localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação de biógrafo [...]. Mais urgente que a determinação das datas é [...] a localização nos espaços da nossa intimidade.

A comunidade de Souza Lima, apesar de estar passando por muitas mudanças, ainda tem em seus moradores mais antigos a memória da sua importância para aquela região, sendo que alguns que saíram do local voltam por causa do significado de pertença da história que seus antepassados ali viveram. Segundo Scarpeline (2012), o espaço da casa traz inserido nele a vida de seu proprietário e de seus familiares, que ali viveram por tempo longo ou curto e construíram um espaço com usos e significados próprios. A casa, enquanto espaço sociológico, é capaz de despertar emoções, reações, orações, músicas e imagens. Portanto, refere-se à casa sempre que é necessário localizar um lugar de origem, o lugar de formação da identidade.

Tabela 1. Espécies vegetais mencionadas e encontradas nos quintais da comunidade de Souza Lima

Familia	Nome Científico	Nome comum	Parte utilizada	Forma de Preparo	Uso referido
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	Talo	Chá	inflamação/diarreia
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Casca	Chá(sem ferver)	diarréia
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Fruto	Suco, geléia e doce	febre, reumatismo, gastrite
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira vermelha	Casca	Chá,infusão	n.d.
	<i>Spondias dulcis</i> Forst.	Cajá manga	Fruto/polpa	Suco	alimentação
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	Fruto/polpa	Suco	alimentação
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> Linn	Graviola	Fruto/polpa	Suco	alimentação
	<i>A. squamosa</i> L	Ata (Pinha)	n.d.	n.d.	n.d.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	Guatambu	n.d.	n.d.	n.d.
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiúva	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Cocos nucifera</i> L	Coco da baía	Polpa/água	Doce	n.d.
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i> L.	Babosa	Polpa	<i>in natura</i>	queimaduras/ úlcera
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Folhas	Chá	digestivo/ fígado/gripe
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	Folhas	Chá/infusão	digestivo
	<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Picão branco	Folhas	Chá	icterícia/ colesterol/ indigestão
	<i>Vernonia polysphaera</i> Less	Assapeixe	Folhas e raiz	Chá/infusão/ <i>in natura</i>	olhos/tosse/gripe
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L	Urucum	n.d.	n.d.	n.d.
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Polpa	Suco	alimentação
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Fruto	Doce	alimentação
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi	polpa	Conserva	alimentação
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reiss	Espinheira santa	Folhas	Chá	estômago
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de Santa Maria	Folhas	Chá/maceração	vermifugo/angina/asma
Cucurbitaceae	<i>Lagenaria vulgares</i> Ser.	Cabaça	n.d.	n.d.	n.d.
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Anadenanthera falcata</i>	Angico preto	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Bauhinia</i> sp.	Pata de vaca	Folhas	Chá	diabetes/emagrecer/diurético
Fabaceae	<i>Cassia occidentalis</i> L	Fedegoso	Raiz	Chá	vermifugo
	<i>Dipteryx alata</i> Vog	Cumbaru	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Hymenaea</i> sp	Jatobá	Polpa e casca	Chá	anemia/problemas pulmonares
	<i>Tamarindus indica</i> L	Tamarindo	Folhas	Chá	dor de cabeça
	<i>Hyptis suaveolens</i> Poit	Tapera	Folhas	Chá	estômago
	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt	Alfazema	Flores e folhas	Chá	Pressão/calmente/ digestivo
	<i>Melissa officinallis</i> L.	Malva branca	Folha,flores	Chá, banhos	insônia/pressão
Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp	Hortelã	Folhas	Chá	garganta
	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	Folhas	Chá/sumo	estômago
	<i>Vitex cymosa</i> Bert. Bertero ex Spreng.	Tarumeiro	Folhas	Chá	colesterol

Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Casca	Chá/ <i>in natura</i>	garganta/ diarreia
Malvaceae	<i>Gossypium</i> sp.	Algodão	Folhas e sementes	Chá/banhos	inflamação do útero
	<i>Waltheria communis</i> A. St.-Hill.	Malva branca	Planta inteira	Chá	cistite/aftas/ feridas/ tosse
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	n.d.	n.d.	n.d.
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro	n.d.	n.d.	n.d.
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Eugenia luschnathiana</i> (O. Berg)				
	Klotzsch ex B.D.Jacks	Pitomba	n.d.	n.d.	n.d.
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Folhas	Chá	rim
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jabuticaba	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	n.d.	n.d.	n.d.
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	n.d.	n.d.	n.d.
Palmaceae	<i>Orbignya</i> sp.	Coco de babaçu	n.d.	n.d.	n.d.
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	Folhas	Sumo	cicatrizante
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim cidreira	Folhas	Infusão	cólicas intestinais/calmante
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Folhas e Fruto	<i>in natura</i> /emplastos	artrite/diabetes/pele
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja azeda	Casca/polpa	Doce/suco	alimentação
	<i>Citrus</i> sp.	Laranja misteriosa	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Citrus</i> sp.	Laranja doce	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Citrus</i> sp.	Laranja lima	Fruto	Suco	alimentação
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Limão galego	Fruto	Suco	alimentação
	<i>Citrus</i> sp.	Limão rosa	Fruto	Suco	alimentação
	<i>Citrus</i> sp.	Limão Taiti	Fruto	Suco	alimentação
	<i>Citrus</i> sp.	Ponkan	n.d.	n.d.	n.d.
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folhas e talos	Chá	cólicas/vistas/mau-olhado
Solanaceae	<i>Atropa belladonna</i> L.	Beladona	Folhas	Chá	analgésico/crises de asma
Sterculiaceae	<i>Theobroma grandiflorum</i> Schum.	Cupuaçu	Fruto	Suco	alimentação
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Erva cidreira	Folhas	Chá	calmante
Zingiberaceae	<i>Costus spiralis</i> SW	Caninha do brejo	Folhas	Chá	urina
não encontrado	não encontrado	Flor da Amazônia	Folha	Maceração	estômago

\* n.d.: não descrito durante a entrevista oral.

## 4 Conclusões

Na região da comunidade de Souza Lima, apesar de muitos descendentes dos primeiros povos que residiam na localidade terem partido para outros lugares, ainda consegue-se achar parentes desses, mas os poucos que ficaram não conseguem sobreviver somente de suas atividades econômicas e culturais mais importantes: a fabricação de redes e doces caseiros.

Os quintais são referências em especial como locais de lazer da família e são cuidados pelos mais idosos da casa.

Não existe na comunidade nenhuma casa de cultura, nem projetos ambientais e culturais que possam resgatar a memória da comunidade.

## 5 Referências

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (orgs). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª edição. Recife: COMUNIGRAF. 2008, 324p.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. 2004. **Métodos e técnicas para a coleta de dados**. Pp. 37-62. In: U.P. Albuquerque & R.F.P. Lucena (orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife, Editora Livro Rápido/NUPEEA.

AMOROZO, M. C. M. **Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: Di Stasi, Luis Claudio (Org.). Plantas medicinais: arte e ciência –um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Unesp. p.47-68. 1996.

AMOROZO, M. C. M. **Sistemas agrícolas tradicionais e a conservação da agrobiodiversidade**. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/cea/files/2011/12/MariaA.pdf>. Acesso em 04 de novembro 2014.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, n.1, p.47-131, 1988.

BACHELARD, G.A. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. Curitiba, PR, 7ª 10 de novembro, 2011. **Anais...**, p.329-41.

BARROS, W. M.; DUARTE, K. A. S.; SOMAVILLA, N. S.; BUZELLE, S.; CIRILO, D. M., O USO DAS PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE DO ATERRADO NO MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO COMO ANTI-DIABÉTICA. XIX Simpósio de plantas medicinais do Brasil. CD ROM. **Anais...** 2006.

BRASIL. Decreto Federal nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2007, p. 316. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em 04 Setembro 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de orientações técnicas para elaboração de propostas para o programa de melhorias sanitárias domiciliares - Funasa** / Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde. – Brasília : Funasa, 2014. 44 p.

DAVID, M.; PASA, M.C.; CRISTÓVÃO, G. D. **Etnobotânica: saberes e tradições da Comunidade Bonsucesso em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil**. In: Múltiplos olhares sobre a biodiversidade. Volume III. Pasa, M. C. (org) Paco Editorial, 2014. p. 83-111.

DIEGUES, A.C. **Etnoconservação da Natureza: enfoques alternativos**. In: DIEGUES, A.C. (org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2.ed. 2000. p.1-46.

LAPLATINE, F. & RABEYRON P. L. **Medicinas Paralelas**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense. 1989. 120p.

MACEDO, M.; PINTO, A.S. ; SOMAVILLA, N. **Guia do UFMT/ Herbário Central**. Cuiabá, UFMT. 1998. 31 p.

MAMEDE, J.S.S.; PASA, M.C. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade São Miguel, zona rural de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica** v.1, n.6, pp.6-21, 2014.

MARQUETTI, D.; SILVA, J. B. L. História oral e fragmentos da cultura popular cabocla. **Revista eletrônica Nau literária**, v.4, n.1, p. 1-7, 2008.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, v.2 , n.1, p.95-108, 2011.

MOREIRA, R.P.M.; BATISTA, C.A.S.; GUARIM NETO, G. Checklist de angiospermas da vegetação marginal da estrada Santo Antonio de Leverger – Mimoso, Pantanal de Mato Grosso. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v.1, n.5, pp.1-21, 2013.

PASA, M.C.; GUARIM NETO, G.; OLIVEIRA, W.A. A etnobotânica e as plantas usadas como remédio na comunidade Bom Jardim, MT, Brasil. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v.1, n.1, 2011. Disponível em: <http://200.129.241.78/ojs/index.php/flovet/article/view/659> Acesso em 05 fev 2015.

PIRES, W. **De Sovaco a Souza Lima: 66 anos de história**. SECOM/VG. Portal Prefeitura de Várzea Grande-MT. Em 28/10/2014. <http://www.varzeagrande.mt.gov.br/conteudo/13607>. Acesso em 04 de novembro 2014.

SÁ, M. F. P.; FENERICH-VERANI, N.; FRAGOSO, E. N. Peixes do Cerrado em perigo. **Ciência Hoje**, v. 34, n., 200, p. 68-71, 2003.

SCARPELINE, R. Lugar de morada versus lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. **Revista Musear**, ano 1, n.1, p.77-90, 2012.

SILVA, C. M. **A produção artesanal e agricultura familiar de Várzea Grande-MT**. 134f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios e Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Agronegócios e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

SOUZA, M.D.; PASA, M.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em uma área rural na região de Rondonópolis, Mato Grosso. **Biodiversidade**, v.12, n.1, pp.138-45, 2013.

SOUZA, S.C.; MAITELLI, G.T. Mudanças climáticas na interface superfície atmosfera. **Anais... X Encontro dos Geógrafos da América Latina**. São Paulo, USP, mar 2005.

TUCCI, C. E. M; Águas Urbanas. **Revista Estudos Avançados**, v. 22, n. 63. p. 97-112. 2008.